

E AGORA JOSÉ, QUE DÊITICO É ESSE?

*Joana D'arc Oliveira Cruz Pinheiro**

RESUMO

A dêixis é um fenômeno há muito estudado no âmbito linguístico, desde Bühler ([1934]1982). Contudo, a dêixis está longe de constituir-se um assunto exhaustivamente explicado. A visão de dêixis atualmente ampliou-se muito além das “palavras índices” de Pierce da mesma maneira que o texto há muito não é compreendido apenas em sua realidade material. Um desses novos olhares sobre o texto e os dêiticos pode ser encontrado nos estudos sobre a chamada dêixis fictiva (Coutinho, 2008; Fonseca, 1992). Vemos a necessidade de estudar os processos dêiticos no texto literário por encontrar neste um ambiente singular para a construção de referência, por ser um dos discursos em que as coordenadas dêiticas dependem naturalmente de um alto grau de compartilhamento de conhecimento entre os interlocutores. Neste artigo, trataremos especificamente dos casos em que o advérbio “agora”, tipicamente um dêitico temporal, assume diferentes funções discursivas, provocando diferentes efeitos de sentido no texto literário. Para tal, analisamos o poema José de Carlos Drummond de Andrade. Pretendemos demonstrar como os dêiticos memoriais se relacionam com o texto literário de uma forma codependente. Neste recorte, apresentamos exemplos com o dêitico *agora*, que normalmente funciona como dêitico temporal, mas que tem, no texto literário, um uso memorial.

Palavras-chave: Dêixis; Dêiticos memoriais; Texto literário.

ABSTRACT

The deixis is a phenomenon long studied in the linguistic context, since Bühler ([1934] 1982). However, deixis is far from being fully explained to be a subject. The vision of deixis currently has expanded far beyond the “index words” by Pierce in the same way as the text has long been understood not only in its material reality. One of those new perspectives on text and deictics can be found in studies called fictive deictics (COUTINHO, 2008; FONSECA, 1992). We studied the deictic processes in literary text for finding this a unique environment for the construction of reference, as one of the speeches in which the deictic coordinates naturally depend on a high degree of knowledge sharing between the interlocutors. In this article, we will deal specifically with cases where the adverb “now”, typically a temporal deictic, performs different discursive functions, causing different effects of meaning in literary text. We analyzed the poem José, by Carlos Drummond de Andrade. We intended to demonstrate how memorial deictics relate to the literary text of a codependent manner. This paper we presented examples with the deictic *now*, which normally functions as temporal deictic, but in the literary text, they have a memorial function.

Keywords: Deictics; Memorial deictics; Literary text.

* Pós-doutoranda em Educação na Universidade de Évora, Portugal. Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. jdarc.pinheiro@gmail.com.

O CONCEITO DE DÊIXIS

Começemos pelo conceito mais fixo de dêixis. Como já mencionamos, encontramos nos estudos de Karl Bühler ([1934]1982) a concepção mais clássica de dêixis. Quando o autor estabelece a distinção entre expressões que são ligadas imediatamente ao próprio ato de fala e expressões menos dependentes do contexto e que refletem mais abstratamente a representação simbólica de objetos, propriedades e eventos, as quais define como palavras ostensivas e palavras designadoras, respectivamente. Esta diferença pretendida pelo autor diz respeito à distinção entre dêixis (ostensiva) e anáfora (designadora).

O autor afirma que as expressões dêiticas se referem a um campo dêitico da linguagem que se contrapõe a um campo simbólico, no qual estariam as palavras nomeadoras, que são aquelas que possuem significado completo.

Quem contestou esta oposição de Bühler foi Lahud (1979) ao defender que os termos dêiticos não são vazios simbólicos, mas termos que possuem uma significação constante e que mudam de referência de acordo com situação enunciativa. Esta é uma questão essencial para o conceito de dêixis: a diferença entre significado e referência. Convém lembrar que quando Lahud trata a mudança de referentes dos elementos dêiticos, ele o faz sob uma ótica conceitualista que concebia os referentes como as coisas existentes no mundo. Essa é uma visão que há muito não se sustenta na Linguística Textual. Sobre este panorama atual falamos um pouco mais no tópico seguinte.

A DÊIXIS NO CONTEXTO SOCIODISCURSIVO

Quando nos posicionamos dentro de uma perspectiva sociodiscursiva da linguagem e aí encontramos um cenário amplo para o estudo da dêixis, nos colocamos numa perspectiva contrária à visão tradicional e determinista da linguagem. Assumimos, dessa forma, segundo Fabrício (2006, p.50), “a inseparabilidade de práticas discursivas, teorias e realidade social, entendendo que qualquer critério de atribuição de sentido à existência de coisas, eventos e experiências ocorre necessariamente no âmbito linguístico-semântico.”

Segundo Cavalcante (2011), todas as estratégias de referenciação são parte de um processo sociocognitivo-discursivo, para o qual convergem condições contextuais diversas. Dentro deste contexto, a autora destaca ainda a existência de “ligações intersubjetivas entre os usos da língua e as ações do enunciador e dos possíveis co-enunciadores em seu contexto sócio-histórico”.

Galbraith (1995) define a dêixis como é um termo psicolinguístico diretamente relacionado à associação existente entre os aspectos de significado e a orientação do sujeito no mundo. Dessa forma, a autora ressalta a relação da dêixis com a subjetividade em seu aspecto mais importante. Especificamente, podemos afirmar que a função primeira dos dêiticos é chamar a atenção para uma situação enunciativa particular.

O Interacionismo Sociodiscursivo resume, de forma bastante simples, os dêiticos como marcas da situação de enunciação que se revelem no texto. Lousada (2010), por exemplo, apresenta-os

como marcas do discurso interativo por revelarem a situação enunciativa de produção.

Entendemos que os elementos referenciais, dentre eles os dêiticos, são construídos no discurso, logo a relação entre os elementos dêiticos e os seus referentes não é exatamente uma troca de referentes, mas diferentes construções de referência devido a diferentes enunciações. Segundo Hanks, “a dêixis ocupa uma posição central no estudo do contexto porque ela é a forma simples mais óbvia em que o cenário da produção discursiva é incorporado à própria estrutura da língua” (HANKS, 2008, p.149).

O TEXTO LITERÁRIO E OS DÊITICOS

Talvez uma pergunta fundamental surja aqui: Por que investigar a dêixis especificamente em textos literários? Para tratarmos do diferencial que os textos literários podem apresentar para a teoria da dêixis, precisamos tratar, ainda que brevemente, de algumas de suas características.

Walti e Paulino (1994) afirmam que o texto literário “se afasta do pragmático, da utilidade imediata, da informação como referencial que se esgota em um dado” (p.144) e ainda que este “exige que o leitor participe mais da construção de sentidos, com atenção especial ao modo de enunciar ali inscrito” (p. 147).

Compreendemos que esta exigência de uma maior participação do leitor se deve, dentre outros fatores, à intencionalidade estética comum a todos os textos literários, sejam eles em prosa ou verso. Maingueneau (2006, p.41) chama a atenção para um fenômeno muito importante neste processo que é o princípio de cooperação ao afirmar que “Nenhum escritor pode desvincular-se do “princípio de cooperação”; há obras literárias não porque a literatura esteja fora de toda interação, mas porque é uma conversação impossível e faz uso dessa impossibilidade.”

É exatamente neste ponto tocado por Maingueneau, a interação, que a referenciação entra, especialmente os dêiticos. Whiteside (1987) afirma a existência de um caráter peculiar da interação no texto literário. Segundo ela, num texto literário a construção de sentido dá-se de uma perspectiva diferenciada da que ocorre num texto de linguagem ordinária. A autora afirma que um dos fatores desta diferença encontra-se no posicionamento do leitor diante deste discurso, pois ele leria com uma “atitude alterada” e tenderia a assumir a intenção do enunciador de referir, mesmo que indiretamente; sendo assim, o discurso literário é mais influenciado que o comum.

Cria-se, nesse discurso, uma “ilusão referencial”, mais ainda do que no discurso comum: instaura-se entre enunciador e leitor um pacto de que o escritor está se referindo, não ao mundo real, mas à sua própria interpretação do mundo real, ou ao seu próprio mundo criado, ou a ambos. Dessa forma, o discurso literário não requer apenas uma forma distinta de ser escrito, mas requer também uma forma distinta de ser lido.

Fonseca, em sua concepção de dêixis fictiva, (que, segundo o autora, equivale a deixis *am Phantasma* de Bühler) destaca sua realização “num campo mostrativo que é, simultaneamente, referencial e textual, isto é, num “contexto referencial criado no e pelo texto” (FONSECA, 1992 apud COUTINHO). Este contexto pode ser comparado a uma cena assistida pelo leitor, mas da qual

também ele faz parte. Vejamos algumas questões básicas referentes à cenografia.

CENOGRAFIA

Maingueneau (2001) relaciona a cenografia diretamente à situação de enunciação de uma obra, responsável pela articulação da obra com o mundo. Vale salientar que o autor não se refere aqui às circunstâncias de produção, como ele afirma diversas vezes, mas às obras como dispositivos de comunicação que implicam em um contexto inscrito num tempo e num espaço. Dessa forma, a cenografia é “ao mesmo tempo condição e produto” (MAINGUENEAU, 2001, p. 121). A este respeito, o autor esclarece:

Chamaremos de **cenografia** essa situação de enunciação da obra, tomando o cuidado de relacionar o elemento *-grafia* não a uma oposição empírica entre suporte oral e suporte gráfico, mas a um processo fundador, à *inscrição* legitimante de um texto estabilizado. Ela define as condições de enunciador e co-enunciador, mas também o espaço (**topografia**) e o tempo (**cronografia**) a partir dos quais se desenvolve a enunciação. (MAINGUENEAU, 2001, p. 123)

Esta cenografia equivale ao que na Teoria da dêixis na narrativa é chamado de mundo da história. Sobre este “mundo”, Zubin e Hewitt (1995) afirma:

O mundo da história fornece as coordenadas gerais de espaço-tempo dentro das quais a história se desenrola. Aqui, utilizamos o termo história num sentido bem próximo do que é usado na linguagem cotidiana, como a totalidade de eventos e experiências realizadas por meio de uma linha histórica e como a caracterização em narrativa ficcional. O mundo da história é habitado pelos participantes e objetos que têm determinado papel na história, ou que são pressupostos pela história. A relação entre a história e o mundo da história em que ela ocorre é fluida. A história é, como todas as representações mentais linguisticamente derivadas, parcialmente uma construção do leitor ou do ouvinte, embora esteja certamente baseada no texto do autor/falante. Por contraste, **o mundo da história é principalmente um construto mental do leitor/ouvinte; e, assim, simplifica a tarefa de construção do mundo para um autor.** As histórias são tornadas possíveis porque os leitores podem levar conhecimento do mundo diário e de outros mundos possíveis para dentro do mundo atual da história; isso fornece ao ouvinte/leitor a ilusão de habitar mentalmente um mundo completamente especificado e coerente. (ZUBIN; HEWITT, 1995, p.130. Grifo nosso)¹

1 The story world provides the general spacetime coordinates within which the story unfolds. Here we use the term *story* in a sense close to that of ordinary usage, as the totality of events and experiences played out via plotting and characterization in a fictional narrative. The story world is inhabited by the participants and objects that play a role in the story, or are presupposed by the story. The relation between the story and the story world in which it takes place, is fluid. The story is, like all linguistically derived mental representations, partially a construction of the reader or listener, although it is certainly based on text of the author/speaker. In contrast, the story world is mostly a mental construct of the reader/listener; and thus simplifies the task of world construction for an author. Stories are made possible because readers can import knowledge of the everyday world and of other possible worlds into the current story world; this provides the listener/reader with the illusion of mentally inhabiting a fully specified and coherent world.

De forma mais concisa, Lousada (2010, p.4) afirma que “os tipos de discurso correspondem a mundos discursivos construídos na produção textual.” Entendemos que esta construção nos textos literários vai muito além da criação de um pano de fundo, aliás, muitas vezes este pano de fundo não é criado pelo autor, ele é totalmente ignorado, deixado a cargo do leitor que o tece ao entrar no texto.

Entremos, pois, no poema seguinte.

JOSÉ	não veio a utopia	Se você gritasse,
E agora , José?	e tudo acabou	se você gemesse,
A festa acabou,	e tudo fugiu	se você tocasse
a luz apagou,	e tudo mofou,	a valsa vienense,
o povo sumiu,	e agora , José?	se você dormisse,
a noite esfriou,		se você cansasse,
e agora , José?	E agora , José?	se você morresse...
e agora , você?	Sua doce palavra,	Mas você não morre,
youê que é sem nome,	seu instante de febre,	youê é duro, José!
que zomba dos outros,	sua gula e jejum,	
youê que faz versos,	sua biblioteca,	Sozinho no escuro
que ama, protesta?	sua lavra de ouro,	qual bicho-do-mato,
e agora , José?	seu terno de vidro,	sem teogonia,
	sua incoerência,	sem parede nua
Está sem mulher,	seu ódio – e agora ?	para se encostar,
está sem discurso,		sem cavalo preto
está sem carinho,	Com a chave na mão	que fuja a galope,
já não pode beber,	quer abrir a porta,	youê marcha, José!
já não pode fumar,	não existe porta;	José, para onde?
cuspir já não pode,	quer morrer no mar,	
a noite esfriou,	mas o mar secou;	
o dia não veio,	quer ir para Minas,	
o bonde não veio,	Minas não há mais.	
o riso não veio,	José, e agora ?	

Fonte: Antologia Poética – 12a edição - Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, ps. 108 e 109.

Escolhemos este texto tão conhecido, mais especificamente, esta frase tão conhecida: *E agora, José?* para refletirmos sobre um uso dêitico da palavra *agora* neste texto literário. Ressaltamos ser *um* uso, por ser um uso diferente do mais comum. Então, iniciemos por este uso comum. O advérbio *agora* costuma ser um marcador temporal, normalmente relacionado ao momento presente, o imediatamente, como sinônimo de *já, neste momento*. No entanto, encontramos este vocábulo com outro uso em textos literários. Este outro uso caracteriza-se da seguinte forma:

a) Os verbos que o acompanham estão em algum tempo pretérito.

“E **agora**, José?
A festa acabou,
a luz apagou”

Embora a enunciação seja “e agora”, há um destaque para fatos passados, ações expressas por verbos no pretérito perfeito, ou seja, ações acabadas, iniciadas e finalizadas num passado posterior à enunciação “e agora”.

Esse aparente “descompasso” entre o advérbio e o tempo verbal mostra uma temporalidade diferenciada, uma tensão entre o passado narrado e o presente da indagação apontam, na verdade, para o futuro. Um futuro do qual depende da resposta do José.

b) Não funciona como marcador temporal

“e **agora**, José?
e **agora**, você?
você que é sem nome”

A segunda característica está diretamente relacionada à primeira. Neste caso, *agora* perdeu seu sentido temporal, tornou-se, um bloco, uma unidade com a conjunção *e* que lhe antecede. Dessa forma, quando o eu lírico pergunta *e agora*, há na verdade uma abreviação de algumas perguntas maiores: *E agora, o que você vai fazer? E agora, o que você pensa? E agora, como você se posiciona diante da situação? Etc.* Torna-se quase uma pergunta retórica. Hanks (2008) trata de casos como este que dependem de um enfoque interacional para sua interpretação e seu movimento no campo dêitico. Isto porque casos como este não se enquadram na classificação clássica da dêixis centrada nos critérios da espacialidade.

c) Apresenta um apelo visual

“Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e **agora**?”

Esse uso diferenciado do *agora* costuma apresentar um apelo visual muito grande, uma exploração da cenografia, seja pelo dito ou pelo não dito (quando o leitor é convidado a “ver” a cena pelos olhos do personagem).

d) Marca o centro dêitico do personagem

“E **agora**, José?
 Sua doce palavra,
 seu instante de febre,
 sua gula e jejum,
 sua biblioteca,
 sua lavra de ouro,
 seu terno de vidro,
 sua incoerência,
 seu ódio – e **agora**?”

Embora não funcione mais como um marcador temporal, este uso do *agora* também funciona como marcador, mas sua indicação é o centro dêitico do personagem, exatamente pelo apelo visual que mencionamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No texto literário, as coordenadas dêiticas dependem naturalmente de um alto grau de compartilhamento de conhecimento entre os interlocutores. Com essa análise, pretendemos demonstrar como os dêiticos memoriais se relacionam com o texto literário de uma forma codependente. Trataremos nesta seção especificamente dos casos em que o advérbio “agora”, tipicamente um dêitico temporal, assume diferentes funções discursivas, provocando diferentes efeitos de sentido no texto literário a partir de uma função dêitica memorial.

Neste recorte, apresentamos exemplos com o dêitico *agora*, que normalmente funciona como dêitico temporal, mas que tem, no texto literário, um uso memorial. Ressaltamos ser um uso, por ser um uso diferente do mais comum. Como já mencionamos, o advérbio *agora* costuma ser um marcador temporal, normalmente relacionado ao momento presente, o imediatamente, como sinônimo de já, neste momento. No entanto, encontramos este vocábulo com outro uso em textos literários. Os dêiticos “tradicionais”, organizados pelo centro dêitico do enunciador, com sua indicação de tempo e espaço, podem apresentar-se com um uso diferenciado no texto literário. Neste artigo, tratamos o caso do “agora”, advérbio de tempo, típico dêitico temporal, que perde esta rigidez classificatória e desliza com o leitor no centro dêitico do personagem.

O personagem nos conduz no texto. Ainda que não seja *José* o enunciador, ainda que ele não responda aos questionamentos que lhe são postos, que simplesmente não tenha voz. O leitor é levado ao seu lugar pela porta do *agora*. E para o leitor fica o questionamento: *E agora, José?*

REFERÊNCIAS

BÜHLER, K. (1934) The deitic field of language and deictic words. In: Jarvella, R.J.; KLEIN, W. (eds). **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley and Sons, 1982.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: UFC Edições, 2011.

COUTINHO, M. A. A deixis fictiva na prosa poética. In Oliveira, F.; Duarte, I. M. (orgs). **O Fascínio da linguagem. Actas do Colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca**. Porto: CLUP/FLUP, 2008, p. 297-308. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6711.pdf>. Acesso em: 04 maio 2013.

GALBRAITH, M. Deitic Shift Theory and the Poetics of Involvement in Narrative. In: DUCHAN, F. J.; BRUDER, G. A.; HEWITT, L. E. **Deixis in narrative**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 19 – 60.

HANKS, W. F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008.

LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LOUSADA, E. G. A abordagem do interacionismo sociodiscursivo para a análise de textos. In: **Abordagens metodológicas em estudos discursivos**. São Paulo: Paulistana, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

WALTY, I.; PAULINO, G. **Teoria da literatura na escola**. 2 ed. Belo Horizonte: LE, 1994.

WHITESIDE, A.; ISSACHAROFF, M. **On referring in literature**. Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

ZUBIN, D.A.; HEWITT, L. E. The deitic center: a theory of deixis in narrative. In: DUCHAN, F. J.; BRUDER, G. A.; HEWITT, L. E. **Deixis in narrative**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 129-155.